

Marcos de Carvalho nasceu em Alfenas, no ano de 1965 e teve uma infância entroncada pelo rural e o urbano, pelas goiabeiras e os paralelepípedos. Seguiu o destino de boa parte dos alfenenses de cursar Odontologia e foi para o Rio de Janeiro, onde às lides da dentística se somaram um curso noturno de Letras, um mestrado e um doutorado em Poética (UFRJ), um doutorado em Educação (UFF). Teve breve e reveladora incursão pela política, como Secretário de Educação e Cultura de Alfenas. Chegou, enfim, ao magistério federal, primeiro como professor de Filosofia da Educação na UFOP, depois como professor de Teoria da Literatura, na UNIFAL-MG.

A poesia surgiu cedo e maturou com demora em Marcos. Das primeiras participações em grupos poéticos, seguiu para uma profícua parceria com Eloésio Paulo, em meados da década de 1980. O único livro individual foi *Breviário da neve nos trópicos*, editado artesanalmente e distribuído entre os amigos por volta de 1994.

Subúrbio da arte reúne parte de sua produção mais recente.

LUVA DE PELICA

A pele
não acolhe
todos os socos

Alguns
a deformam
por fora

outros
inflamam
por dentro

Mas
às vezes
a pele

é só passagem
o soco
não

a marca
nela não faz
paragem

Subúrbio da arte

Marcos de Carvalho

Subúrbio da arte

Poemas

Marcos de Carvalho



sic edições

A metalinguagem, nos poemas aqui reunidos, tem uma função precisa, muito distante da metalinguagem cabralina e de qualquer outra: ela funciona como válvula que admite ou não o ingresso de um determinado tema ou palavra. É assim: se tal ou qual reminiscência de infância, por exemplo, cabe no projeto poético do autor, ela pode entrar no poema: não entrará simplesmente por suas qualidades subjetivas. E, de algum modo, essa válvula funciona admiravelmente, pois poucas vezes uma reunião de poemas resulta em obra de coerência tão estrita.

A essência da poesia, aqui, está na dialética entre a forma geral do poema e os pequenos detalhes micropoéticos – não como assunto, e sim como processo. Fica evidente a lição concretista de que num poema tudo conta, da ausência de uma vírgula às ambiguidades que subvertem o sentido de uma expressão gasta pelo uso. Aí chegam a caber na poesia ditos populares como “tinha o rei na barriga” e “fazer de besta”. E, de repente, um arremate súbito reverte totalmente expectativa criada pelo andamento anterior do poema. Ou, na avalanche de imagens processadas por esse modo personalíssimo de incorporar modos de sentir e de dizer, vivências e imaginações próprias e alheias, lá vem a nos surpreender a referência ao homem que espia um decote (“Emboscada”): subversivo, em tempos de histeria politicamente-correta, o poeta merece cadeia, como seu “último profeta” Woody Allen?

Eloésio Paulo

Subúrbio da arte

Contato do autor

carvalhomarcosde@globo.com

Diagramação e capa

Juracy Queiroz e Oliveira
juracy@artefinal.com.br

Subúrbio da arte

Poemas

Marcos de Carvalho



sic edições

©Copyright 2018 by Marcos de Carvalho

Diagramação e capa:

Juracy Queiroz e Oliveira

juracy@artefinal.com.br

Carvalho, Marcos 1965 -

Subúrbio da Arte / Marcos de Carvalho

Alfenas - MG - Sic Edições

2018

1. poesia brasileira I. título

CDD - B 00 _____

ISBN 000

Índice dos poemas

Da poesia como válvula - Eloésio Paulo	09
Prefácio em estado interessantíssimo	15
Procusto	16
Novíssimo fingidor	17
Óbice cabralino	18
Haicais do artífice	19
Caeiro	20
Poema do outro	21
Aviso prévio	22
Cabeça raspada	23
A virtude nomeio	24
Albatroz às avessas	25
Narciso e o rio	26
Caribu mallarmaico	27
<i>Argumentum ad baculum</i>	28
Buraco de tatu	29
Apêndice	30
Teste de física	31
Formulário	32
Duração	33
<i>Medium</i>	34
Secos e Molhados	35
Teoria da literatura explicada às crianças	36
Canção de Annabel Lee	37
Alçapão	38
Boi de coice	40
Limitações do poema	41
Montale é Montag	42
Briga de irmãos	43
O homem que vendeu a torre Eiffel	44
O camelo e a agulha	45
<i>"Lady lazarus"</i>	46

Bandarra	47
Poema ruim	48
A moça do calendário	49
Fugidinha	50
Cúmplices	51
Nota de rodamão	52
Emboscada	53
Explicando o poema	54
Segunda versão dos fatos	55
Versão com Brigitte Bardot	56
Achamento do Brasil	57
Dilemas de um anjo	58
Oblação de um calvo	59
O bazar e a loja de discos	60
Falcoaria e poética aplicada	61
Babel de Barros	62
Imensos	63
Os cães	64
Poema-tradução para Ungaretti	65
Um título de W. C. Williams	66
Poema seguido de tradução	67
Palimpsesto	68
São Jerônimo	69
Santo Expedito	70
<i>Judas, o obscuro</i>	71
Milagres	72
<i>Quasímodo</i>	73
Estilo	74
Perder uma mulher	75
O abandono de Ariadne	76
Outro Tântalo	77
Fim da linha	78
Bentinho	79
Cantiga de amigo	80
Como numa marinha	81

De William Turner	81
Tempo	82
Vinícius	83
Tomada para Woody Allen	84
Epílogo	85
<i>Desiderato</i>	86
O observador de corujas	87
Ogro	88
Ovelha branca	89
Contra o conto	90
<i>De profundis</i>	91
Tríptico de dois	92
Subúrbio da arte	93
Luva de pelica	94
E uma garrafa de rum	95
Cachorro louco	96
A morte da poesia	97
Sobre o lagarto morto	98
Pound no manicômio	99
Mãos de pintor	100
Profecia	101
As armas herméticas	102
Funeral do poeta cego	103
Perguntas do hortelão	104
Quase velho	105
Eu não roubei fogo algum	106
Feitio de oração	107
Poema a ler Adília	108
Lao Tsé	109
O escolhido	110
Pela mão de Oscar Wilde	111
<i>Intermezzo</i>	112
Ao terceiro dia	113
Fermento	114
<i>Unhappy end</i>	115

Da poesia como válvula

Eloésio Paulo*

Apresentar este livro não pode resumir-se a apresentá-lo. No mínimo, além de referir-me ao corpo presente, preciso mencionar alguns corpos ausentes. Ou aparentemente ausentes, presentes in absentia. É o caso da coletânea *Breviário da neve nos trópicos*, ainda quase desconhecida porque editada pelo próprio autor em tiragem exígua. Antes disso, Marcos de Carvalho havia publicado pouco: alguns poemas nas reuniões *Tempoesia* (1983/84), em *Troços traços & troças* (1985, de parceria com seu irmão Francisco Assis de Carvalho e comigo), no livro a quatro mãos *Decurso* (1988, Editora da UNIFENAS) e esparsamente em jornais e revistas.

Também é preciso dizer que *Subúrbio da arte* é uma composição cujo critério foi a coesão de tema e estilo. Marcos tem outros livros na gaveta, nos quais estão muitos poemas de alta qualidade, que também merecem vir à luz. Mas nosso autor se espelha, a propósito de publicações, em dois de seus escritores prediletos: Kafka, que antes de morrer pediu (embora pudesse ter executado pessoalmente a tarefa) ao amigo Max Brod que lhe queimasse os originais inéditos; e Fernando Pessoa, que em vida pouco publicou, mas deixou num baú aparentemente inesgotável aquela multidão de heterônimos e meio-heterônimos que não cessa de gerar fortuna crítica. Dessa fortuna, por sinal, faz parte a tese de doutoramento de Marcos de Carvalho – uma análise muito original, também editada em tiragem mínima, da poesia pessoana.

É difícil, assim, não recorrer ao clichê: falamos da ponta de um iceberg. Como tal, nem as dicas de cocheira proporcionadas por nossa longa parceria poética (serão em breve 35 anos) permitirão supor que a tarefa vai estar concluída. Aqui se esboçará um mapa provisório, nada mais do que o guia para uma primeira aproximação à poesia do autor.

Em primeiro lugar, não caia o leitor na armadilha de supor que *Subúrbio da arte* seja mais um daqueles livros de

poemas metalinguísticos, tão em voga duas décadas atrás e que, apesar de em geral serem enfadonhos, já deixam saudades, porque a voga atual se apresenta muito mais rarefeita do que em poesia é mais necessário, ou seja, da própria poesia. Marcos não é um epígono de João Cabral, ainda que o autor de *O cão sem plumas* seja sombra visibilíssima por trás de sua concepção de poesia (veja-se, logo nas primeiras páginas, o “Óbice cabralino”). Sua diferença para os clones do poeta pernambucano é o arsenal mobilizado: pouca gente estudou tanto a poesia como Marcos, e ele a estudou e estuda para chegar a produzir a sua própria obra, como bem expressam estes versos de “Caribu mallarmaico”:

O mais difícil na poesia
é fazer com que ela
se pareça com você

Ser epígono, esteja claro, é o que há de mais fácil.

A metalinguagem, nos poemas aqui reunidos, tem uma função precisa, muito distante da metalinguagem cabralina e de qualquer outra: ela funciona como válvula que admite ou não o ingresso de um determinado tema ou palavra. É assim: se tal ou qual reminiscência de infância, por exemplo, cabe no projeto poético do autor, ela pode entrar no poema: não entrará simplesmente por suas qualidades subjetivas. E, de algum modo, essa válvula funciona admiravelmente, pois poucas vezes uma reunião de poemas resulta em obra de coerência tão estrita.

O projeto de *Subúrbio da arte* consiste na construção de poemas que discutam, justamente, o lugar da poesia no mundo contemporâneo – raramente, ou subsidiariamente apenas, sua natureza propriamente linguística e estética. Esse movimento existe pelo menos desde Baudelaire, mas nosso autor prima pelo estado constante de alerta quanto às armadilhas que a vida contemporânea coloca para o poeta. A principal armadilha talvez seja a tentação de repropor o mito da torre de marfim, conjurada explicitamente no poema que dá título ao livro:

A poesia
é o subúrbio
da arte

Essa gente
que só faz versinho-
caviar

não faz
ideia do que estou
falando

Em Marcos, a poesia não é o centro de um discurso a girar em torno de si mesmo: ela é o centro da própria vida. Subúrbio da arte expressa um desmedido amor pela poesia como forma de viver, a única forma que o autor conseguiu descobrir em seu meio século de existência. Os poemas tratam dos mais diversos aspectos da vida humana e da vivência pessoal do autor, porém tudo é filtrado pelo fingimento aprendido na leitura de Pessoa:

mais que esconder
é fingir ser meu
meu próprio rosto

A essência da poesia, aqui, está na dialética entre a forma geral do poema e os pequenos detalhes micropoéticos – não como assunto, e sim como processo. Fica evidente a lição concretista de que num poema tudo conta, da ausência de uma vírgula às ambiguidades que subvertem o sentido de uma expressão gasta pelo uso. Aí chegam a caber na poesia ditos populares como “tinha o rei na barriga” e “fazer de besta”. E, de repente, um arremate súbito reverte totalmente expectativa criada pelo andamento anterior do poema. Ou, na avalanche de imagens processadas por esse modo personalíssimo de incorporar modos de sentir e de dizer, vivências e imaginações próprias e alheias, lá vem a nos surpreender a referência ao homem que espia um decote (“Emboscada”): subversivo, em tempos de histeria politicamente-correta, o poeta merece cadeia, como seu “último profeta” Woody Allen?

O que talvez chame mais a atenção na poesia de Marcos é uma pureza formal já evidente na própria disposição gráfica dos poemas, que repercute na exatidão escrupulosa do vocabulário. À primeira vista, literalmente um poeta de linhagem apolínea. Mas essa harmonia, paradoxalmente confirmada pela unidade profunda do poema, é cheia de sumidouros semânticos e contradições expostas na vitrine. Em “Apêndice”, por exemplo, a afirmação feita na segunda estrofe é ao mesmo tempo verdadeira e falsa:

Cada um
faz o que quer
com a poesia

Eu não faço nada
Ela é que faz
comigo

Particularmente atento a dialéticas desse tipo, o poeta sabe que o domínio da linguagem e da forma é tão essencial quanto, a partir de certo ponto, se torna um triste engano a ser desfeito na própria fatura do poema. Bem diferente, então, das profissões-de-fé utópica e incoerentemente pós-modernas. Como não ficar desconcertado com “Fugidinha”, em que o coloquial mais simples se apresenta lapidar como as figuras poéticas mais buriladas? Ou com a distância entre a clareza solar desse poema e o quase hermetismo de “Bandarra”?

Outro aspecto a não perder, num primeiro reconhecimento de Subúrbio da arte, é a noção de conjunto que preside à sequência dos poemas. Existe uma lógica geral, subordinada a um claro projeto de livro, que se entremostra na repetição de referências (em dois poemas separados por muitas páginas, são mencionadas personagens do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis) e se explicita no díptico em que a continuidade do tema é flagrante, embora não delimitada. Um caso desses, fácil de reconhecer, é o díptico “Canção de Annabel Lee” / “Alçapão”. Já “Perder uma mulher”, “O abandono de Ariadne”, “Outro Tântalo” e “Fim da linha” formam um quadríptico.

Enfim, uma apresentação como esta não tem o direito de ser longa ou pretensiosa. Ficam aqui apenas alguns sinais. Uma análise verdadeira teria que se espriar pela imensa variedade que se esconde sob a coesão aparentemente fácil da temática do livro: da reticente declaração de amor às aporias do ensino de teoria literária num curso de Letras, do desalento sentimental às imagens rurais alçadas ao plano do mito, o espectro alcançado pelos poemas que compõem este livro pede leituras muito mais detidas e análises muito mais cerradas. Como é preciso não cerrar, mas encerrar, deixando ao leitor a aventura de descobrir por si mesmo essa poesia tão consistente em sua profundidade quanto brilha exteriormente, faço-o elegendo – entre tantos dignos daquela decantada “inveja salutar” – meu poema predileto deste livro, por sinal uma exceção à tópica metalinguística:

QUASE VELHO

Eu sinto falta do alpendre
aquele pendente de encontros
bem nas fuças da casa

A mureta do alpendre
de ardósia verde
de vermelhão

Eu sinto falta das pessoas
distantes mas próximas
olhando da rua

Se eu pudesse nascia de novo
para não sofrer com lembrar
que as casas tinham alpendre

* Eloésio Paulo publicou diversos livros de poemas e colaborou como crítico literário em O Globo, Jornal da Tarde e O Estado de S. Paulo. Desde 2006, é professor da Universidade Federal de Alfenas (MG)

PREFÁCIO EM ESTADO INTERESSANTÍSSIMO

Achei que deveria ter um prefácio
E o prefácio a estes versos
deveria cumprir
o papel de mero prefácio
mas ficou maior que os versos
e de repente os versos
é que eram um posfácio
para o que o prefácio antecipava
em sua grandeza
E para evitar rudes querelas
fatiei tudo em poesia – ao
que se lê depois e se lê aqui –
ao posfácio e ao prefácio
que tinha o rei na barriga

PROCUSTO

Esticar joões
amputar marias

retirá-los
de dentro de si

para que enfim
vazios os nomes

eu pudesse
enchê-los de mim

NOVÍSSIMO FINGIDOR

Eu também posso
ocultar a senha
que me acessa
mundano e vil

Pode um chapéu
quebrado na testa
não entregar
todo o meu perfil

Mas revelar-me
na fala oculta
do cenho exposto

mais que esconder
é fingir ser meu
o meu próprio rosto

ÓBICE CABRALINO

Um pouco de cada frasco e este poema estraga
engorda como um rio a que deram de beber
o mar porém se o cortarmos ao meio e
em quadrados concêntricos como não se corta
uma cebola depois de um certo tempo vai-se
adentrando o núcleo em que uma coisa mineral
dura para sempre e animosamente se resguarda
do olhar tépido e da mão ligeira do poeta
que tropeça diamantes sem saber lapidá-los

HAICAIS DO ARTÍFICE

Tanto burilei
a página em branco que
só sobrou o poema

Tanto burilei
o poema que sobrou
só a página em branco

CAEIRO

Não penso
o que pensam apenas
porque o pensam

São para mim
o pó amargo da empáfia
suas certezas

e é só isso
o que espero no espelho
do que enxergam em mim:

condescender
é estar doente
dos outros

POEMA DO OUTRO

Quis o poema impossível
que soasse como trompas
por verbos que criam mundos
em brisas de puro aroma

Nascido o pobre rebento
de pernas tortas fleumáticas
mãos feias como garranchos
e o olhar caído por dores

curvei-me paternalmente
para o acalantar
(foi então que descobri
que era a cara do Escobar!)

AVISO PRÉVIO

Tantos os poetas de tantas
épocas e lugares com tantas
maneiras de dizer as coisas
mas indesculpavelmente a minha

E ao me ver nesses versos drusos
nessa estrofe catalã pergunto qual
o sentido da labuta se se chega
à mesma trilha ao mesmo fim

– Está na tabuleta da entrada que
ao desistir tenho de deixar arrumado
o quarto e de repor os mantimentos
de que me servi na despensa

CABEÇA RASPADA

Como eu me disfarçasse
ainda pela manhã – procedimento
nº 5 no livro de falcoaria
e poética aplicada – às duas
ciências comuns pude servir
como no Tiro de Guerra e nos
folgedos naqueles longínquos
estertores de abril

Vantuir Peixoto e Libânio Pereira
apesar de muito abismados
estavam na lista de dispensa

A VIRTUDE NOMEIO

Não há decepção
que me arranque
do meu amor

Touro hindu feroz
onça pintada
o chacoalho das estrias
de uma mulher madura

nada me derruba
do meu amor

Sou firme como Ricardo
Reis e dos reisados
sou a bandeira

Nasci para esteio
não para caruncho
palpitações e névoa

ALBATROZ ÀS AVESSAS

Confiado em meus cotos
onde não nasceram plumas
inquiri se existe voo
a palmo e meio do chão

Que pássaro nasce feito
que o destemor vem de berço
com que intenção não sei
mas mentiram para mim

Só ao me atirar da penha
com a multidão de tudo
tinhasamente a favor
achei as asas que não sei

como couberam embaixo
de mim sem me derrubar
parvo e troncho no convés
dos homens da equipagem

NARCISO E O RIO

Ainda era bem novo
e fui levado
por um rio

Pensando bem
não era tão novo
assim

tinha a idade
em que as pessoas
são levadas pelos rios

Também não sei
se me salvei
se ainda estou vivo

as páginas de um livro
levadas pelo rio
desbotam a nada ver

Sim é verdade
eu tenho um espelho
mas nele só vejo o rio

CARIBU MALLARMAICO

O mais difícil na poesia
é fazer com que ela
se pareça com você

Depois é sair
como um animal
urinando em árvores
demarcando território
na vastidão sem fim
da apatia dos outros

Não deixar que o ignorem
terá sido sempre
a maior tarefa do poeta:

o poema é um amontoado de palavras
com uma melancia amarrada no pescoço

ARGUMENTUM AD BACULUM

A vantagem
de não publicar poemas
é não ter aquela gente
(sempre aparece alguém)
perguntando sobre como
nasce a inspiração sobre
as nossas influências
sobre a morte da poesia...

Não ter o filho nos braços
sabendo que ele
existe
tem sua dose de miséria
admita-se mesmo
que demande
alguma instância de perdão

BURACO DE TATU

O poema
é o endereço
do poeta

poeta
aquele que se deixa
visitar

Há poetas
que se escondem
tão bem

que até hoje
a poesia
não os encontrou

APÊNDICE

Cada um
faz o que quer
com a poesia

Eu não faço nada
Ela é que faz
comigo

Para mim ela é o rabo
que balança
o cachorro

TESTE DE FÍSICA

Todas
as palavras
têm o mesmo peso

o que muda
é a velocidade

com que cada uma
cai
no poema

FORMULÁRIO

O poema deve ser
breve como a lâmina
que cinde o pulso
da vítima
ao espelho

finito e cálido
como a vela
no bolo
da menina
que faz um ano

Poema com mais
de uma página
é prosa

Os prosadores sempre – sinta o cheiro deles
e de suas manhas mesmo nestes versos – quiseram
como uma represa inundar a poesia não deixar
margens
para ela

Poema com mais de uma página
desista:
a poesia não dura tanto

DURAÇÃO

Um poema
com haste
costuma durar
uma semana

Se a senhora quiser
podemos decorar
com copos-de-leite

embalar
com celofane
e mandar entregar

- o cartão
é por conta
da casa

MEDIUM

Sim não sou eu
esse estranho
que fala no poema

mas não
renego
minha autoria

se pintar
outra
uma Tabacaria

SECOS E MOLHADOS

Estes poemas
falam de mim

Não
falam de quem
falam quando
falam de quem
falam

Estes poemas
só falam de mim
só falam de mim
só falam de mim

*TEORIA DA LITERATURA
EXPLICADA ÀS CRIANÇAS*

Muito antes da prosa
havia a poesia

Tempo de as coisas
serem nomeadas

Olhar
uma doninha um seixo
e entender que se pareciam
com uma doninha
com um seixo

Os seixos
não faziam nada e seguiam
ali por onde
se lançasse o olhar
imóveis
em sua condição de poesia

A doninha aprontava das suas roubou
um dia um pote de mel lambuzou-se no creme
de cabelo da donzela da Idade da Pedra – que aliás
correto é que se chame “Idade da Doninha”

O poeta acautelado de seu talento
notou que era mais fácil falar
do que a doninha fazia
do que seguir procurando
nomes
para a família dos seixos

E foi assim que a poesia
ganhou
a sua pior
sua mais tenaz inimiga

CANÇÃO DE ANNABEL LEE

Sempre ouvi
o conselho
das águas fundas

do precipício
jamais
ignorei o silêncio

Só as palavras
de mãos dadas
como força

brincam de roda
ao redor
do meu pescoço

ALÇAPÃO

Passarinhos
também
se matam

têm repentes
acrobáticos
de neve

e ansiando
o sentido
do chão

desmaiam
dos galhos
mais altos

FLANCO

Diminuta e feroz a corruíra
vai de encontro ao granizo
e aos seus estrondos

No ninho os ovinhos vão trincando
com as pancadas
sorradeiras e letais

O abandono é a culpa mais sublime
de quem se agarrou à poesia
sem resguardo

BOI DE COICE

Aos vinte anos
eu tinha
força nos braços

mas o peso do mundo
deixei ao poeta
mais velho

LIMITAÇÕES DO POEMA

Não há flamingos onde eu moro
nem albatrozes cisnes selvagens
nem gaivotas

Os bichos da minha terra e que
vivem dentro da gente são a dor
a inveja o medo

Com muita sorte se encontra
algum amor um pouco de calor
um segredo

MONTALE É MONTAG

Meu poeta
italiano
favorito

Pena que
tardiamente
descobriu os livros

Aprendeu a lê-los
num filme
de Truffaut

BRIGA DE IRMÃOS

O maior
orgulho do poeta
é quando outro poeta o xinga

não para dizer que discorda
do modo como entende
o verso a rima

mas quando sozinho
com o poema do outro na mão
pragueja

Rivaliza o sentimento mais nobre
decantado na mais sutil
vileza

O HOMEM QUE VENDEU A TORRE EIFFEL

Todo poeta sabe
lá no fundo
que merece ganhar
o Jabuti

Mais dois livros
as obras-primas que antevê
e o Nobel não seria
nenhum favor

Porfiai porfiai!
a porta estreita
é só uma metáfora!

O CAMELO E A AGULHA

Coisa difícil
é aferir
a altura do poeta

A manhã clara como é
dissecam-na
em segundos

Os poemas são
mensuráveis em livros
mas basta um

O quanto passa
ou falta do que se supõe
a altura do poeta

persevera após a morte
imune ao volume de pêsames
e ao tamanho do caixão

"LADY LAZARUS"

Eu não sei
se morre
o poeta
quando morre

A mesma terra
que recobre o corpo
atíça a imoral
sobrevida:

o volume
de impresso
esquecido
do lado de fora

Vêm as pessoas
a abrir
e a fechar
o tempo

insepultas
as palavras
fazem a vez
dos vermes

BANDARRA

Olhar telhados do alto
não é bem assim uma visão
um cigarro – ainda
há cigarros travestidos
em bruma – faz lembrar
melhor o amanhã

Escandir um muro antigo
como Tàpies recolher
com detritos o sangue
de uma galinha morta
no terreiro de gravetos
e penugens:

há incontidos presságios
nos olhando da calçada

POEMA RUIM

Tua voz de labareda
sentenciou a derrocada do amor
e de tudo

Exemplo de que na profecia
às vezes sucumbe
o profeta

Eu juro que tentei salvá-la
(a cabeleira em chamas)
mas meus versos me contiveram:

foi a primeira vez
que uma página em branco
não me trouxe angústia

A MOÇA DO CALENDÁRIO

Meus olhos podem ser macerados
na próxima estação em vinho acaso
com sabor de amêndoas de graveto
harmonizando rebeldias no palato:
a da língua breves flores de antanho
a do peito poças fundas do passado

FUGIDINHA

A poesia
acorda

quando
o poema
adormece

CÚMPLICES

Dou à mulher
o que me coube
de perdão

Houvesse culpa
eu também
viraria o rosto

Inocente
me vingaria
com afinco

Açoiados
em praça
pública

o mesmo
verso
nos seria abrigo

NOTA DE RODAMÃO

Eram de rir os amores do poeta
mocinhas singelas e tristes
que ele cantou de alma em riste

EMBOSCADA

Se espreito um descuido
do tecido frouxo
intencionalmente frouxo
sobre o seio posso

como o caçador
no bosque de silêncios
entreouvir o não-ruído
passo a passo

de uma paca uma perdiz
volvendo as folhas caídas
na cama de húmus fofo
sem trincá-las

Criaturinha que eu acarinharia
e ao seu irmão ocluso
gêmeo na iminência
desse mesmo gesto

EXPLICANDO O POEMA

As amoras nunca tiveram
essa cor mesmo a relva
são copas altas ceifadas
em que se tropeça e cai

Você ergue o vestido
um pouco acima do joelho
e do olho d'água escorrem
fios tensos pelas pernas

Quisera não naufragar ainda
esconder a face com as mãos
dizer que acato a ancestral-
idade que nos acautela

mas o verão que ensandece
as monjas (teus dedos nos meus
pelas encostas) pede o verso
uno que nos atropela

SEGUNDA VERSÃO DOS FATOS

Os trovões que despejam sobre a terra
a grinalda das nuvens de setembro
espantam a dormência das sementes
desembrulham o canto das cigarras

Sou dado por defunto nessa hora
acovardado nas rinhas do amor
a colher os silêncios do meu quarto
e entrevado num poema de há anos

Bom cosedor de enredos o acaso
faz surgir um verso novo no poema
metáfora do campo que viceja
entrevero da chuva que desaba

e encobertos pelo barro da vontade
eu e a criada que fazia me cuidar
abrimos a janela ao estio
deitamos sobre a relva do perdão

VERSÃO COM BRIGITTE BARDOT

Só de saber-te
no mundo
a cartografia
de França errava:

as dunas as enguias
do teu corpo logo ali
as ilhas a presença
de teus olhos nevoados

Santa Maria Pinta e Niña
homens rudes baixando
mel em fardos de renda
nos portos daqui teus seios

Enganos do mar sem rédeas
comércio erétil num coração
de menino precavido de tudo
mas destaramelado de amor

ACHAMENTO DO BRASIL

Eu soube do teu relevo
antes dos livros
risquei o solo com o arado
tive-o nas mãos

De azul profundo
à tua volta fiz
com que o mundo
se colorisse

e eram montanhas
cordilheiras
a não me encontrar comigo
os teus seios

Nunca me deixei voltar
das florestas densas
frondes que com esconder
mais revelavam

o ouro intocado dos grotões

DILEMAS DE UM ANJO

O assombro é saber se caio
ou não quando me empurram
O rito da queda é menos
literário que o do amor

Aos escribas pouco importa
um gemido moribundo
se não vem da alma cativa
de ais com esmeros de renda

Por isso se ao cair
levas junto uma senhora
já te dão por romanceável

mas dor que gesta poemas
é só a do passarinho
quando lhe arrancam as penas

OBLAÇÃO DE UM CALVO

Heinrich Heine
disse que os anjos
não têm mais asinhas a tiracolo
e que perambulam pelas ruas não
nus mas desprovidos de penagem

Creia-me senhora sou um deles
e se desejar um adjutório basta um aceno
um sinal que a aumentar ditosamente
os seus segredos irei

O BAZAR E A LOJA DE DISCOS

Quantas diáfanas auroras quantos
adereços de jade imprecisas formas
adornadas de miséria e de lágrimas
esfuziantes e tantas bezerras de ouro
implorando prenhezês venturosas de
encontro aos altares marianos servas
belicosas em meu favor derradeiras
esperançosas do amor caçadoras de
príncipes e de valetes com espadas
portentosas e gemidos inverossímeis
fiéis de igrejas por inventar beatas em
que eu reinaria como um jovem Nero

mas escolhi o teu deserto minucioso
pródigo em silvos decifráveis o vento
intervalado nos ciprestes: dialeto
de silêncios à Simon and Garfunkel

FALCOARIA E POÉTICA APLICADA

Enquanto o pássaro
adivinha o salto do gato
em seu voo fundo
na mata

no chão com régua
e compasso
o gato refaz a trama
o final do próximo ato

BABEL DE BARROS

Ouvir do fundo da torre
a agrimensura das palavras
inauditas:

ambarfo mengarngo deroptise
Que povo e quando
as teria pronunciado?

onde houvesse sonoridades
com impedância de alqueires
ou na distância do imenso

em que o tamanho das letras
e a cor das palavras
são medidos em absurdos?

IMENSOS

O tempo
que gasta o mar
para transformar
a montanha
em areia

Os dias que
um monge sentado
sobre a pedra
se pergunta
por Deus

A espera
da palavra
que como uma fagulha
acenderá
este poema

OS CÃES

Quando atravesssei
com os duzentos cães
domados a poder
de ferro e brasas as portas
da cidade diabólica

uns debandaram
outros se enovelaram (carne
moída no jornal dormido
que eu trazia do açougue
em criança à minha mãe)

Mas três deles que
eram os meus diletos
se amancebaram com a poesia
e arrancariam as entranhas
com cheiro de enxofre
fosse do Cérbero que fosse

POEMA-TRADUÇÃO PARA UNGARETTI

Se me ilumina
a imensidão

porque o imenso
é intraduzível

UM TÍTULO DE W. C. WILLIAMS

Depois de traduzido
por José Paulo Paes encontrei
– lance de olhos
sobre o livro entreaberto –
uma segunda tradução:

de o mártir precoce
para o martini precoce

– E é claro que me lembrei daquela noite
no fundo da taverna de onde não se ouvia
o mar mas alto o som da descomunal e pétrea
azeitona fustigando a borda irrefreável
da taça de vermute barato:

dessas coisas lindas
que só acontecem aos jovens

POEMA SEGUIDO DE TRADUÇÃO

O canto da água
vem por dentro da névoa
com palavras de renda e finos
naipes de metal a toar o perfume
descorado dos jasmins

Com os nossos pecados lavá-las
a todas as chagas afogando-as até a carne
viva se adelgaçar em medusa esbranquiçada
contida mas ainda leda
com seus tentaculares meneios

– Eu juro que não pedi esse cenário de ópera
para meus motivos rudes e campesinos bastava
a chuva fina gotejando sobre a enxada suja
e velha e uma dor por dentro que a compressa
morna disfarçava mas não fazia de besta

PALIMPSESTO

Escrevo o poema
sobre a rasura
da vida

São duas manchas
mas nenhuma
presta:

de lá do verso
empiria
burra

de cá da vida
algaravia
bufa

SÃO JERÔNIMO

O poema possível
se arrasta lagarta verde
pela lâmina da traição

Do ventre aberto
duas metades de uma flor:
uma borboleta?

Socorrer a lagarta
é impedir as asas
de se abrirem

Alimentar as asas
é esquecer a lagarta
para sempre

SANTO EXPEDITO

Não confundo
poesia
com alquimia

Para chegar ao ouro
matéria da mais impura
excrementos tufo podres
de cabelo tudo
como chorume destilado
deve conter
a fórmula magistral

De outra recorro
à imagem sã
à palavra imune

avesso da quintessência
são estes versos tão humanos
e urgentes que só com as luvas
do recato na linguagem posso
tocá-los sem que me contaminem
e da minha pouca fé
para mais longe me recuem

JUDAS, O OBSCURO

Num espanto de rarefação
teus olhos já não eram o céu nem
todo ele nem só o maná devoluto
de que os pombos se compraziam

Há – sem que queiramos dar
por ela – essa química irretorquível
em que um átomo deixa de sê-lo
ou gira sua galhada de partículas

passando a outra coisa e nunca
mais ao que era: se arsênico ou
palha a pobre matéria reinante
importa o céu que desabou de si

o poema ali caído sem consolo

MILAGRES

Uma ilha
de algas enlaçadas
por onde caminhar
sobre as águas

O fermento do mosto
ainda nas parras
para entornar o rio
e embebedá-lo

Dizer anda e fazer andar
este poema alquebrado
como quem repara luz
num fósforo riscado

QUASÍMODO

Movendo-me pelas raízes de um charco
um manguezal arresado vejo
são as palavras se desenredando
ou só a bruma que enfurna a vista?

Com o espessar
nas tēporas do sal de outra água
– um verso

Correr a rasgar a placenta que o sufoca
– invólucro roubado a um crustáceo –
o ar rebentando os pulmões: sim
este poema ainda pode ser salvo

ESTILO

Foi nesse tempo que aprendi
a usar a noite como quem usa
um par de óculos

Atirados no mítico renascer
do sol como hermética profilaxia
de males e de almas

estranhos e abissais meus óculos
irisados de penumbra

PERDER UMA MULHER

Perder uma mulher é revirar
no chão os guardados
de um velho baú

a fita amarela desenrolada
que se prende na tampa e hesita
entre o planador e a queda

o rio que minguava até que só o vemos
– rabo de cobra a se esconder –
no leito seco por detrás da montanha

Os rios retornam com as monções
e as fitas são volúveis
em seu entra e sai do baú

: perder uma mulher
é coisa de muitas voltas

O ABANDONO DE ARIADNE

Eu cataloguei
cada pétala branca
que caía

não descurei
das esferas movendo-se
para além de Saturno

escovei as crinas
do unicórnio com o zelo
de quem passa fome

mas nada pode deter
a correição de formigas
que é o desamor

em sua ânsia
de repor nossas vestes
sua febre de amalgamar
nossos medos

OUTRO TÂNTALO

Então como se dissesse
algo iniludível

descola seus lábios
do meu ouvir

Três passos a levam
em direção à porta

e eu entendo que o mundo
todo se desloca

para além do alcance
da minha voz

FIM DA LINHA

A pilha de catálogos telefônicos
– obesos e puídos –
não cabe mais sob o criado-mudo

Posso ligar para qualquer
uma dessas pessoas e açougues
e tabacarias e casas paroquiais

Em apenas um número
sei que insistente o telefone
vai tocar até desligar

BENTINHO

Devolvo a oferenda
com a embalagem de crepom
com as sempre-vivas
e as margaridas frescas

Devolvo
o que não devolveria
ontem

Há cadeados fechaduras novas
nas portas e trancas nas janelas
por ali não passa nada
muito menos disfarçado de amor

CANTIGA DE AMIGO

Afina essa viola com os dentes
se a lira abrupta não te deixa poros
se queres esgoelar o bem-te-vi
os cães praguentos e o pé de antúrio

Enfia à socapa as mãos na lava
o escalpo no moedor do açougue
se o amor te fez de bobo e a amada
de cordeiro imolado pela turba

Sangra mas com sangrar até a morte
que não te falte seiva nessa hora
um comboio de olhos te espreita:
oramos pelo teu heroico fim

COMO NUMA MARINHA
DE WILLIAM TURNER

A baía se vai pintando de negro sobre o fundo
de cobalto e cádmio: um barulho metálico
cerra a porta da banquinha que vende discos
e uns poucos livros usados de poesia
e assusta o cachorro que dormitava
esquecido quase fora da paisagem

– Pela primeira vez tenho força
para desenlaçar da tua a minha mão –

O cão segue agora atrás de restos
no rumo dos bares do outro lado longe
contando em se afastar daquele rapaz
suave em sua solidão mas tenebroso
com fazer gestos ora pensados
ora imprevisíveis com as mãos

TEMPO

Nas florestas havidas
da memória
uma árvore sobrevive

os ramos vicejam todo ano
e flores tímidas
a cada manhã de chuva

Com o tempo
as raízes reverteram o curso
da umidade

Transmudá-la de árvore
neste mineral que arqueja
foi minha arte:

medusa
de serpentes lentas
mas de olhar certo

VINÍCIUS

O amor
se contorcendo
nos versos

como se de gelo
a morada
do escorpião

e pudéssemos
tocá-lo
tilintá-lo

no magma
translúcido
do copo de uísque

TOMADA PARA WOODY ALLEN

Agora que o tempo despiu com todos os dedos
a pele que fez desfalecer o dia podemos nos ver
sem que a taça de vinho entorne sobre a mesa
sem que nossas vozes de adaga só nos firam

Eu não sei se do amor vencido algo assoma
se algum carinho de uma dobradura fulge
e de tanto aprender que as coisas passam
ando consorte de que sem ti sigamos

O pano (não disse?) ficou limpo sobre a mesa
você pergunta se pode me ligar para falarmos
de poesia e eu lembro que não esqueço aquela
sua receita de frango com cogumelos frescos:

o amor achou um lugar entre os guardados

EPÍLOGO

Sob as ervas
daninhas do amor
posto

as gemas
a florinha
com mais viço

acordam humildes
e mesmo
indistintas

Duas delas o olhar
que convida
e retarda

porque na jaula
dorme o tempo
ora contido

e as frentes
que se tocam
e descansam

como a pele
e a flanela
uma na outra

DESIDERATO

Se é na manhã de chuva
que se escondem os afetos indomados
os pomos esquecidos em gestas de cobardia

se habita o som da goteira o parêntese
aberto de um beijo
inconcluso em cada sim que se oferta

se a vidraça viaja o mar
e respinga-se de olhares tristonhos
em lágrimas debeladas mas movediças

então acorrem ternuras duradouras
a xícara de chá o cobertor sobre os pés as mãos
que ficaram para nos guardar das que se foram

O OBSERVADOR DE CORUJAS

Poemas
podem ser lidos
no escuro

sem tinta
impressa

nem papel
que os suporte:

poema entreabrir
de portas

poema rugir
de ventos

poemas que calam
dentro

OGRO

Poesia
em noite escura
se lê andando
na mata:

os vaga-lumes
quando piscam
é para virar
a página

OVELHA BRANCA

Martirizar minhas vontades dominar
com todas as forças meus instintos
minhas volúpias reduzir meus trajes
a andrajos enquanto amo com devoção
os meus inimigos e calo ainda vivo
a vida que há em mim

Para que passe agora o Cristo redivivo
em excelsa tarefa de juiz de tudo
e seus passos não demorem o ritmo
pois não sou digno sequer de um olhar

CONTRA O CONTO

Tremeluzentes os faróis
se esgueiram de madrugada
pela cortina de árvores

Do lado de cá da noite canções
regadas a vinho comemoram
o casamento de dois jovens

O rapaz este mesmo que se casa
vai sufocar até a morte
sua amada antes do nascer do sol

A centelha de ciúme vai surgir a qualquer
instante e depois disso não haverá
nada que possa impedir este poema

DE PROFUNDIS

Reverbera
pelas árvores
o grito de socorro

Eu poderia chegar a tempo
de ver a carnificina
e nada mais

mas prostro-me
cavando a terra e esfalfando
as unhas por abrigo

Minha poesia adentrou demais a mata
para que algo em mim
pudesse salvá-la

TRÍPTICO DE DOIS

Por Artemísia Gentileschi
o fim de nosso amor:

lasciva
e sem adagas no pescoço
você seminuando no leito

na outra tela
minha cabeça na bandeja
empapadas de sangue duro
as madeixas

Teria de recorrer
a um Escher
um Arcimboldo

para lavar de síntese
a cena desse crime

SUBÚRBIO DA ARTE

Eu sou mais
fodido
do que o Tim Maia

Se jogarem
dinheiro no chão
eu pego

A poesia
é o subúrbio
da arte

Essa gente
que só faz versinho-
caviar

não faz ideia
do que estou
falando

LUVA DE PELICA

A pele
não acolhe
todos os socos

Alguns
a deformam
por fora

outros
inflamam
por dentro

Mas
às vezes
a pele

é só passagem
o soco
não

a marca
nela não faz
paragem

E UMA GARRAFA DE RUM

Os filhos foram dados às hienas
as mulheres tiveram os ventres rasgados
pelos chacais os homens amarrados
sangraram até a morte pela fenda
onde havia o falo

E chega a poesia com sua botica de elixires
e emplastos seus cantos e pajelanças
suas penitências e ladainhas a poesia essa tia
solteirona que só se levanta para reclamar
um quarto nos fundos da casa

CACHORRO LOUCO

Estranha criatura essa que se quer poeta arqueada a
esfregar palavras úmidas atrás de uma fagulha um
nada que o pudesse acalantar dentro da noite escura
que o trespassa e desaba

O poema não lhe deu guarida nada lhe aqueceu
nenhuma carruagem com corcéis alados cruzou o céu
para resgatá-lo no cortejo que só ele adivinha

Bisonha criatura de quem não se deve ter pena

Deixemo-lo a pensar que padece o mundo nos ombros
e a se esmurrar nas duas faces por nonadas

sob pena de ainda ouvirmos desaforos

A MORTE DA POESIA

Fui eu quem socorreu
o poeta com seus andrajos
e suas escaras
a boca sem dentes do poeta
miserabilíssima o poeta
sorriu de dentro de si
com a arcada nua
enquanto eu o socorria

Mas para onde você pensa
que vai me levar?
era como se dissesse
e desmanchou-se
como uma enfatuada lesma
por entre meus braços aquela
carcaça de antanho aquele
borrão de algo desalentador

SOBRE O LAGARTO MORTO

Por onde você caminha
lagarto
deixado morto?
Reduzido só às roupas
que as rodas dos automóveis
distendem sobre o asfalto?

Há ainda algum chispar?
Uma faísca nova velha
no frio da sua espera?

Se chamo você responde?
Ouvirei ainda gecos
do nada em que se esconde?

Chora a lagarta sua pupa?
Seu esquife? Nasce uma
metáfora da sua dita?
Poemas do duro fado?

Fechada alguém pôs na porta
da tabacaria um recado?

POUND NO MANICÔMIO

A poesia
nunca melhorou
ninguém

Seguem
todos como eram
ao nascer

O lugar
de cada um
é como o nada:

ninguém o move
para lá
nem para cá

MÃOS DE PINTOR

Ao vê-la abotoar a blusa
com os dedos
emergindo ilhas

penso se a tela
guardarei comigo
ou se automóveis amanhã

rugirão craquelando
a casa e a vidraça
que a ilumina

O cheiro de tintas
e de terebintina não me
deixará eu sei

como os amores idos
ficados nódoa escura
sob as minhas unhas

PROFECIA

Woody Allen
é o último
Woody Allen

Doravante
todos os artistas
serão puros e insuspeitos

e imaculados
terão antes de pintar
antes de cometer poemas
de provar sua inocência:

não violentei maria
não conspurquei José

Esses é que vão construir
a perfeição das novas
eras e dos novos códices

(atrás virão garbosos
os cavaleiros de roxo e púrpura
da novíssima inquisição)

AS ARMAS HERMÉTICAS

Há saberes
que eu temo

como o do cego
enjaulado

com jamais
amanhecer

dentro de si

FUNERAL DO POETA CEGO

O céu
olhando-nos
de azul

com as lentes
da verde
montanha

sonega
as cores
do dia

Vazar o verde
o azul
de sombras

como a noite
que o cego
arranhava

de frestas
quando
morria

PERGUNTAS DO HORTELÃO

Se enterrarmos os bulbos dos olhos
nascerão flores da estação
lírios e açucenas de cor vária

ou espécimes raros não de flores
mas de pedras como o topázio
negro o diamante azul?

Germinarão cobras a coral entrecortada
de cores ou o cruzeiro cinzelado
na mais cruel urutu?

Se os enterrarmos bem fundo
quase a tocar o outro mundo podem
brotar poemas em outra língua?

E se bem rasos ficarem os troços
acordarão meninas bem fornidas uma
mancheia de dinheiro uma segunda vida?

QUASE VELHO

Eu sinto falta do alpendre
aquele pendente de encontros
bem nas fuças da casa

A mureta do alpendre
de ardósia verde
de vermelhão

Eu sinto falta das pessoas
distantes mas próximas
olhando da rua

Se eu pudesse nascia de novo
para não sofrer com lembrar
que as casas tinham alpendre

EU NÃO ROUBEI FOGO ALGUM

O que eu quis foi a nudez das ruas
sondar com os galos e os mendigos
as casas despindo a pele da noite

mas o dia sabe o idioma das ausências
e dói vertê-lo em versos sem tanino:
o poema do café as trovas do almoço

Minhas horas são chumaços de palavras
úmidas sobre o avesso das entranhas
feridas malsãs em que todos cospem

Eu me escravizo desse podre alento e esqueço
a chávena com as asas postas para voar
como para envelhecer alheio a toda culpa

FEITIO DE ORAÇÃO

A febre é a promessa de gestar o sol
cozer em fogo vero o que nos arpeia
aquela dor o amor demente a morte
fria o ferrenho adoecer do dia

Ó febre benfazeja vinde
a desatar a lúgubre impotência
dos olhos quedos do rondar dos corvos
Vinde mão solar com clavas e tacapes

acende-me na pira dos entrudos
dos que sonambulizam versos e canções
e empurram medos de pontes viadutos
opondo o não quando não há mais nada

Vinde enquanto há lenha nos meus braços
para correr com os acordes em bemol
Quero a estridência de um parto com dor
colher-te em desvario como a cor que sangra

ferida pela fúria de um lírio branco

POEMA A LER ADÍLIA

Um homem pobre
sem a perna direita
encontra um sapato
de pé esquerdo
e este lhe cabe perfeitamente

Não tarda pois a se perguntar:
“se encontrar o sapato
do pé direito
encontrarei também
a minha outra perna?”

LAO TSÉ

O silêncio
salta de um
galho para outro

os finos ramos
não se curvam

o leque das folhas
não tremula

o pássaro que fui
ensaia com afinco
o roteiro da ausência

O ESCOLHIDO

Com as mãos retirei a nuvem
que encobria as estrelas

com um sopro a névoa densa
que não deixava o mar respirar

mas quando parei para descansar
havia apenas o papel em branco

e uns poemas que nada diziam
por mais que eu me acabrunhasse

PELA MÃO DE OSCAR WILDE

Lúcidos
os dedos procuram
por poeira
atrás dos olhos cansados
e encontram ali a obsoleta
morte esgueirando-se
como um cão sarnento
que tenta reinventar um jeito
de alguém se interessar por ele

Peço um momento para pôr
o terno e a gravata vermelha
sobre o branco incontornável
da camisa de seda passada
com todos os vincos e pegar
a bengalinha de carvalho
que combina com meus
sapatos polidos
de couro de crocodilo

: todo o resto são vaidades

INTERMEZZO

Sei a tristeza
de cada hora
do dia

a inflexão
de cada estalido
do relógio

Cesso
com o dia
e com o relógio

E que não venham
de novo
me fazer amanhecer

e que não venham
de novo
me dar corda

Estou bem este relógio parado
Estou bem este dia terminado

AO TERCEIRO DIA

O peixe nada
sem escamas e sem olhos
frito em óleo
escaldante
Na boca do gato
as espinhas nuas
aceleram o movimento
de fugir pela água

A trilobita
nunca foi de pedra
Os destroços do avião
estão a decolar
A criança morta
sorri
sem traço
de fantasmagoria

Tudo o que viveu
ainda palpita
A morte é um cansaço
de que o poema troça
e não faz caso

FERMENTO

das acrobacias da água
da lição
de cada escama
estes versos
foram gestados
saturadas suas vísceras

em que guelras e brânquias
o último impulso
para um gole de ar?

o poeta perdeu o mar
e escreve em poças
de louça

mas ainda ninguém pode supô-lo
no bolo:
farinha de outro saco

UNHAPPY END

Peça perdão
aos outros poetas

afinal são eles
os únicos leitores

que possivelmente
você teria

